



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Curso de Graduação em Geografia a Distância

O ENSINO DA GEOGRAFIA POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE CROQUIS

Andréia Rodrigues de Araújo Cirineu

Posse - GO

2012



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Curso de Graduação em Geografia a Distância

O ENSINO DA GEOGRAFIA POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE CROQUIS

Andréia Rodrigues de Araújo Cirineu

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Professor Orientador: Dr. Everaldo Batista
da Costa

Posse - GO
2012



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Curso de Graduação em Geografia a Distância

O ENSINO DA GEOGRAFIA POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE CROQUIS

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília da aluna:

Andréia Rodrigues de Araújo Cirineu

Dr. Everaldo Batista da Costa

Professor-Orientador

Titulação, Nome completo,

Professor-Examinador

Titulação, nome completo

Professor-Examinador

Posse – GO

2012

Cirineu, Andréia Rodrigues de Araújo

O ENSINO DA GEOGRAFIA POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE
CROQUIS

46 f. : il.

Monografia (Licenciatura) – Universidade de Brasília,
Departamento de Geografia - EaD, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa

Dedico esse trabalho a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter chegado ao final dessa jornada.

A minha filha

Aos professores do curso.

Aos meus amigos e colegas.

À toda minha família que me apoiaram.

“Ter a informação é importante, mas é fundamental produzir conhecimento com essa informação, produzir saber”.

(PRETTO, 1998, p.13)

RESUMO

O presente trabalho trata das práticas pedagógicas adotadas no Ensino Fundamental tendo como proposta estimular os alunos por meio da adoção de uma metodologia mais dinâmica e qualitativa. O trabalho com croquis engloba os objetivos propostos nesse estudo, resultando na melhoria do conhecimento cartográfico por meio de atividades práticas que proporcionam o envolvimento do aluno com o conteúdo estudado. A construção de croquis também promove uma melhor noção de espaço, desenvolvendo também uma relação mais instigadora entre o sujeito aluno e o meio ao qual está inserido. É importante considerar que o domínio espacial é, em sua maior parte, uma habilidade desenvolvida na escola, o que enfatiza a necessidade de se adotar uma prática pedagógica que facilite a apreensão dessa aprendizagem.

Palavras chaves: ensino de Geografia, croquis, conhecimento cartográfico.

ABSTRACT

This paper discusses the pedagogical practices adopted in elementary school in order to draw students' attention to a more dynamic and qualitative geography. Working with sketches is a methodology that encompasses the objectives proposed in this study, which is the cartographic development through various activities that lead us to this purpose, starting from three basic points are: The construction sketches and notions of space for the child through a psychosocial process in which she elaborates spatial concepts through their action and interaction among them, along their development psicobiossocial. The importance of spatial learning in the sociocultural context of modern society, as a necessary tool to people's lives, because it requires a certain mastery of concepts and references for spatial displacement and ambiance, and more than that, so that people have a vision conscious and critical of their social space. Preparation for this space field is largely developed in school as well as the mastery of written language, mathematical reasoning and scientific thought, and the development of artistic skills and education body. In this sense, seek referrals for appropriate methodological teaching geography through the sketches. Tomo as the theoretical studies by several authors have investigated this issue.

Keywords: Teaching Geography, Croquis, Cartographic Representations in Elementary Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira atividade	14
Figura 2 – Segunda atividade	15

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 – Objetivo Geral	11
1.2 – Objetivo Específico.....	11
1.3 – Hipóteses	11
1.4 – Justificativa	11
1.5 – Problemática	13
2 . METODOLOGIA	14
2.1 – Descrição geral da pesquisa	14
2.2 – Participantes do estudo	14
2.3 – Procedimentos de coletas e análise de dados	15
3. A CLASSIFICAÇÃO DOS CROQUIS.....	16
3.1 – A importância do mapa.....	17
3.2 – Representações Gráficas	20
3.3 – Ensino e representações do espaço geográfico: os croquis	21
4 - AS PROPOSTAS CURRICULARES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	25
4.1 – Os núcleos conceituais e encaminhamentos metodológicos	27
4.2 – As considerações de Piaget e Vigotsky sobre a aprendizagem	38
5 . RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA	44

1 - INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda um estudo sobre as contribuições da Geografia para o ensino fundamental partindo da utilização dos croquis de localização como instrumento de construção da aprendizagem em cartografia.

Ao longo do tempo o ensino da Geografia vem passando por uma fase de transição, a cada dia as metodologias utilizadas em sala de aula buscam deixar para trás a Geografia tradicional ao mesmo tempo em que privilegia uma aprendizagem centrada no ensinar com no objetivo de contribuir para uma real análise, deixando o rótulo de matéria decorativa.

É sabido que a maioria dos alunos não demonstra interesse em aprender Geografia, em muitos casos os mesmos se preocupam com o Português, como por exemplo, devido às maiores dificuldades, além disto, é visto por parte dos educandos como uma aula chata, nessa perspectiva se faz necessário que o professor de Geografia busque alternativas pedagógicas que ofereçam atrativos, para que os mesmos despertem o gosto pela disciplina.

No caso da Geografia são diversos os mecanismos que podem ser usados nesse processo, daí escolhi trabalhar com esse tema por ver na Geografia um excelente campo de conhecimento para os alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Monte Sião, localizada no município de São Domingos/GO.

Uma vez que as categorias de análise de espaço geográfico, o método de representação e a linguagem cartográfica, que são próprias da Geografia, permitem representar, sintetizar, analisar, localizar e relacionar dados geográficos e a eles atribuir significados. Mas ainda existe um tabu a ser quebrado nas escolas, pois ainda há professores que encontra dificuldades na hora de decidir o que deve ser ensinado em sala de aula, e de que forma deve proceder.

No Ensino Fundamental, a alfabetização cartográfica enfoca a representação do espaço geográfico referindo-se à elaboração e utilização de mapas, croquis, plantas etc, e à construção de conceitos sobre a localização, dimensões e organização do espaço geográfico.

O estudo desse tema está baseado em uma fundamentação teórica composta em capítulos que falam sobre os assuntos abordados, ressaltando a importância do educador frente aos valores que podem ser repassados aos

educandos, sua influência para despertar o interesse e o conhecimento sobre o assunto.

O trabalho desenvolvido através de croquis visa trazer informações existentes na organização do espaço geográfico. Dessa forma é importante encaminhar atividades que envolva a localização a partir de informações do seu dia a dia. Por exemplo: trajeto de casa para escola, das ruas do bairro e assim por diante.

1.1 – Objetivo Geral:

- Demonstrar a importância do trabalho com croquis para o desenvolvimento das noções de cartografia a partir do 5º ano do Ensino Fundamental.

1.2 – Objetivos Específicos:

- Fazer com que os alunos desenvolvam noções de localização;
- Relacionar e representar os elementos representados no croqui;
- Desenvolver a noção de espacialidade.

1.3 – Hipótese:

O uso do croqui como recurso metodológico facilita a aquisição da noção espacial e viabiliza a alfabetização cartográfica.

1.4 – Justificativa:

As práticas pedagógicas são determinantes para o aprendizado do alunado, pois é ela que vai definir os objetivos e metas a serem alcançadas. O professor enquanto mediador do conhecimento deve propiciar métodos eficazes para a compreensão do espaço de vivência.

Segundo a teoria construtivista de Jean Piaget, ter uma educação de qualidade é um direito assegurado, e tem por finalidade dar oportunidades de desenvolvimento: social, moral e intelectual. A família e a escola são as principais responsáveis pela troca de experiências interpessoais, fazendo com que a criança seja capaz de atingir a sua maturidade e com isso atuar no meio social experimentando diversas culturas.

As propostas atuais de ensino-aprendizagem pressupõem alunos ativos na construção do próprio conhecimento, capaz de interpretar, avaliar, discutir, criar e ampliar ideais. É necessário então que o professor esteja antenado, que conheça as condições socioculturais, os propósitos, as necessidades e as capacidades dos seus alunos, para que assim eles possam construir conceitos e procedimentos que os levem a perceber a vinculação entre as diversas áreas de conhecimento, ressaltando assim a importância do estudo com croquis.

Os croquis são formas que fazem com que os alunos compreendam melhor o espaço geográfico e aperfeiçoem as noções de localização. Além de complementar informação e normalmente chamam ainda mais atenção do que os textos. Porém, assim como os mapas, os croquis devem ser lidos do mesmo modo como se lêem texto: para obter informações, conhecer alguma temática ou fazer comparações.

Na alfabetização cartográfica o mapa é a base da Geografia, e deve ser trabalhado sempre que possível dentro da sala de aula. É com a interpretação feita através de mapas, gráficos e croquis que os alunos desenvolvem as funções de raciocínio espacial, as funções psicológicas, atenção e a memória.

As pessoas estão vivendo o tempo de acesso pleno à informação e este fato é, indubitavelmente, uma das maiores transformações no final do século passado.

São muitos os avanços em todos os ramos do conhecimento, as descobertas são extremamente rápidas e estão à disposição de todos com uma velocidade nunca antes imaginada, por isso o trabalho com croquis ligados aos recursos tecnológicos permite uma síntese do objeto em estudo.

Trabalhar com croquis facilita o entendimento das noções de localização, pois facilita a compreensão do espaço de vivência do próprio aluno.

O presente trabalho contará com a colaboração da professora regente do 5º ano da Escola Municipal Monte Sião, que responderá a perguntas e desenvolverá atividades que nortearão todo trabalho de pesquisa. Esses questionamentos têm por finalidade saber como está sendo trabalhado em sala de aula as noções de localização espacial através de croquis, mapas, plantas e etc.

Entre os diversos autores que embasaram esse trabalho está as contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento educacional, partindo de um pressuposto de caráter social, dialético, com cunho sócio-interacionista, podendo ser

sintetizado por algumas palavras-chave: sociabilidade do homem, interação social, signo e instrumento, cultura, história, funções mentais superiores e mediação. O materialismo dialético é o método fundamental da teoria sócio-interacionista de Vygotsky. É através do método que se conhece a forma de pensar. Com essa concepção, Vygotsky construiu uma visão totalizante não fragmentada da realidade, uma perspectiva histórica e uma compreensão do homem como um conjunto de relações sociais com posição antimecanicista.

Baseado na perspectiva construtivista Jean Piaget estabelece que a capacidade de aprender é desenvolvida e construída nas ações do sujeito por meio do contato ativo com o conhecimento, que é facilitado pelo professor. (Revista Nova Escola. Ano XXV. Nº 237. Novembro 2010)

Baseado na afirmativa de Piaget, o início dos trabalhos com croquis será realizado partindo da vivência do aluno, e terá como base o caminho de casa para a escola. Pois trata-se de um trajeto feito todos os dias, e muitos nem observam o nome das ruas, tipo de estabelecimentos, direções, etc. Outros sequer conseguem apontar a direção de suas casas, por isso, esse método levará o aluno a perceber o espaço em que ele está inserido.

Na alfabetização cartográfica que nada mais é do que a representação cartográfica, enfatiza-se a percepção do espaço corporal, ou seja, do espaço ocupado por seu corpo, noções de lateralidade e proporcionalidade. Nesse sentido, pode-se desenvolver atividades de representações que envolvem, desde o desenho, por parte do aluno, do próprio corpo e ou trabalhos com fotografias e croquis.

1.5 – Problemática:

O uso do croqui facilita a aprendizagem em Geografia?

2 – METODOLOGIA

Na primeira atividade a ser proposta, os alunos irão escolher os materiais necessários para a confecção do croqui, como: foto área do bairro, cidade, ou da área rural, papel, lápis, borracha, esquadro, régua, e material de pintura. As fotos áreas serão feitas através do google Earth.

O segundo procedimento a ser tomado é pedir aos alunos que pegue a foto referente a sua localização e veja o caminho percorrido diariamente de sua casa à escola. É importante que o professor oriente os alunos a colocar o nome das ruas e os pontos de referência importantes para que a sua casa possa ser localizada. Feito isso o aluno passará a elaborar símbolos, para que as informações sejam codificadas.

Ao final de cada atividade proposta pelo professor, o mesmo pode explorar vários aspectos importantes para o aprendizado do aluno.

Para o desenvolvimento desse trabalho foi feita as seguintes atividades com alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Monte Sião:

➤ PRIMEIRA ATIVIDADE.

Na primeira atividade, os alunos confeccionaram um croqui representando o caminho de casa até a escola, utilizando uma foto como está abaixo.

São Domingos – GO www.googleearth.com.br



FIGURA 01

➤ SEGUNDA ATIVIDADE.

Tendo como base está foto aérea, os alunos identificaram as áreas comerciais da cidade e a partir dai fizeram um croqui de localização.

São Domingos – GO www.googleearth.com.br

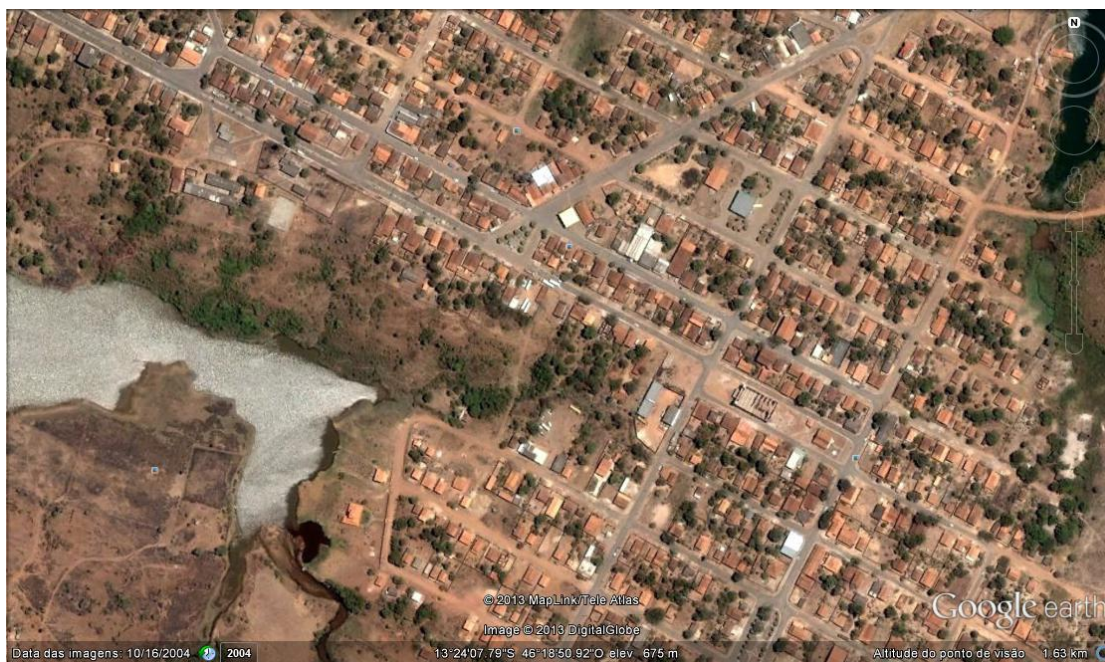


FIGURA 02

3 - A CLASSIFICAÇÃO DOS CROQUIS

Os croquis são representações gráficas no qual deve aparecer somente as informações essenciais, mas para isso o aluno deve ser claro e preciso. De acordo com Pontuschka *et al* (2009,p. 303) este instrumento foi bastante utilizado pelos geógrafos nos trabalhos de campo e pelos professores de Geografia em sala de aula como recurso na explicação dos fenômenos e dos processos físico-naturais e humanos. Hannaire (*apud* Pontuschka *et al* 2009,p.303) destaca que não se pode pensar em Geografia sem o uso de croquis.

Allix *et al* (1969, p. 25) classifica os croquis em quatro tipos: o de anotação, o de localização, o de correlação e o de síntese, sendo que cada um deles contém elementos pré-definidos. Eles acrescentam que são utilizados principalmente para aprender, para precisar a natureza de um fenômeno, para a localização e para a compreensão da interação dos fenômenos, dos quais a combinação determina os traços específicos de uma região.

Baseado na proposta de Simielli (1996, p. 16) os croquis que realmente são relevantes para o estudo cartográfico são os de análise, localização e o de síntese. A autora ressalta a importância dos alunos elaborarem os croquis, cumprindo todas as etapas de produção, diferentemente da simples cópia de mapas ou croquis.

No que diz respeito a qualidade dos croquis , Oster *et al* (1998, p. 42) destacam três características fundamentais:

- ✓ Legibilidade, apresentado apenas o essencial.
- ✓ Precisão, generalizado e simplificando as informações, essas não devem ser aleatórias, devem seguir critérios de seleção.
- ✓ Evocador, selecionando os dados mais importantes.

É possível alcançar objetivos de diferentes dimensões através da produção e uso dos croquis. Do ponto de vista cartográfico, o aluno irá aprender a dominar a linguagem cartográfica, aprender a elaborar representações gráficas por etapas desde o desenho dos croquis até a codificação e decodificação da legenda.

A produção dos croquis é uma proposta viável para os alunos do ensino fundamental, pois ao cumprir essas etapas de elaboração, os alunos estarão desenvolvendo habilidades e competências que são objetivos da educação brasileira e do ensino de geografia.

Outro método que auxilia a confecção dos croquis são as fotografias aéreas, elas representam um importante recurso para as análises espaciais e são utilizadas de forma geral, para fins de controle de territórios, descobertas de recursos minerais e para a confecção de mapas e croquis. Na atualidade, destacam também as imagens de satélite, disponíveis na internet e encontradas com certa facilidade.

O trabalho com fotografias aéreas ou imagens de satélites é importante para a construção de conceitos relacionados à representação de partes da superfície terrestre. Hoje, dada a facilidade de acesso, têm chamado muito a atenção das crianças, as imagens que permitem visualizar seu espaço de vivência: sua casa, sua escola, seu bairro, sua cidade.

Nesse sentido é importante encaminhar atividades nas quais se possa desenvolver habilidades de observação, descrição, comparação e análises do espaço geográfico por meio de fotografias aéreas e imagens de satélite. Assim, pode realizar estudos da distribuição das atividades econômicas em um município, e até perceber de forma mais direta, por meio dessa imagens, aspectos do espaço geográfico de lugares distantes da realidade do aluno.

3.1 - A importância do mapa

Para Almeida (2010, p. 17) o mapa corresponde a um instrumento de comunicação visual, utilizados por leigos em diversas situações, por geógrafos, principalmente, de forma específica. Este instrumento já era utilizado pelos homens das cavernas para expressar seus deslocamentos e registrar as informações quanto às possibilidades de caça, problemas de terreno, matas, rios, etc. Eram mapas em que se usavam símbolos iconográficos e que tinham por objetivo melhorar a sobrevivência, mapas topológicos, sem preocupação de projeção e de sistema de signos ordenados, mas os símbolos pictóricos eram de significação direta, sem legenda pois era a própria linguagem deles, a iconografia.

Ainda segundo Almeida (2010, p. 16) a Geografia é uma ciência que se preocupa com a organização do espaço, onde o mapa pode ser utilizado tanto para a investigação quanto para a constatação de seus dados. A cartografia e a geografia e outras disciplinas como a geologia, biológica caminham paralelamente para que as informações colhidas sejam representadas de forma sistemática e, assim, se possa ter a compreensão espacial do fenômeno.

O autor Yves Lacoste (*apud* Almeida 2010,p. 16) mostra, de forma crítica, a necessidade de se preparar as pessoas para lerem mapas, além de conhecer o seu próprio espaço. Diz ele que a geografia e a cartografia em particular são matérias que envolvem um conhecimento estratégico, o qual permite às pessoas que desconhecem seu espaço e sua representação, passarem a organizar e dominar esse espaço.

Esta dominação espacial apreendida pelo aluno permite que este possa registrar um referido espaço por meio da confecção de mapas. Ao iniciar as tarefas de mapear, estamos portanto, mostrando ao aluno os caminhos para que ele possa se tornar um leitor consciente da linguagem cartográfica.

Paganeli (2007,p. 46) afirma que a adoção de uma metodologia eficiente é capaz de levar o aluno a construir mapas, e por consequência o faz um excelente leitor do espaço geográfico. Baseado na teoria de Piaget de que a criança na idade do pensamento concreto necessita agir para conseguir construir conceitos e edificar os conhecimentos, ela sugere que se leve o aluno a elaborar mapas e croquis para torná-lo um leitor eficaz. Mas para isso os professores de geografia devem fugir dos cadernos de mapas mudos destinados a que o aluno coloque nome de países e rios, ou pinte países, estados ou municípios. Esse tipo de tarefa é mecanicista e não levam à formação de conceitos quanto à linguagem cartográfica. Uma atividade bem elaborada é o que deve ser sugerida para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica e isso não está em pintar ou copiar contornos, mas em fazer o mapa ou croqui.

O aluno poderá sentir dificuldades em organizar um sistema de signos de forma ordenada, mas é vivendo estas dificuldades que ele irá construir noções profundas de organização de um sistema semiótico. Ao ter que generalizar estabelecer uma classificação e selecionar as informações que devam ser mapeadas, o aluno será forçado a tomar consciência das informações pertinentes ou não, pois isso fará desenvolver o seu raciocínio lógico.

Ao reduzir o espaço estudado o aluno percebe logo a necessidade da proporcionalidade, para que não ocorram deformações. É a esta ação reflexão que se refere Piaget ao mostrar a construção do pensamento da criança e não através de cópias ou pinturas de mapas, dá-se um verdadeiro passo metodológico para o aprendizado de mapas e croquis.

Para Piaget todo conhecimento deve ser construído pela criança através de suas ações. Essas ações, em interação com o meio e o conhecimento anterior já organizado na mente, proporcionam a acomodação dos conhecimentos percebidos que passam a ser assimilados.

Com base nos estudos de Piaget, é considerado que o espaço de ação cotidiana da aluno, é o espaço a ser representado. A partir dele também serão construídas as noções espaciais. A criança perceberá o seu espaço de ação antes de representa-lo, e, ao representá-lo usará símbolos, ou seja, codificará. Antes, portanto de ser leitor de mapas, ele deverá agir como mapeador do seu espaço conhecido, elaborando croquis de localização, ou pequenos mapas.

Ao reverter esse processo, estará lendo o mapa: primeiramente do seu espaço próximo para conseguir aos poucos abstrair espaços mais distantes, através da generalização e transferência de conhecimento. Isto através das deduções lógico matemáticas, já na idade do pensamento formal.

Esse processo pode ser organizado em três fases.

Tarefas operatórias- é a construção de pré-aprendizagens, que facilitarão a leitura de mapas. São elas as atividades de orientação, observação de pontos de referência , localização com a utilização de retas coordenadas como pontos de referências, coordenação de pontos de vista, proporcionando conservação de forma, tamanho e comprimento. Piaget mostra em seus estudos que é fácil a utilização de retas coordenadas como pontos de referencia no cotidiano, nos fornecem essas coordenadas: árvores, ruas planas, postes, paredes, portas, chão. Portanto parece que esses pontos de referência devem ser usados para a localização de elementos simples como a casa da criança, através da observação em relações topológicas, projetivas ou euclidianas.

Atividades de codificação do cotidiano- é o exercício da função simbólica no mapeamento, facilita a compreensão da relação significado e significante.

Leitura propriamente dita é o ato de decodificar, ligando o significante e o significado para melhor compreensão da legenda e toda a simbologia dos mapas.

Desta forma, constroem-se os pré requisitos para a leitura de mapas e que são a compreensão de : proporcionalidade; projeção; relação codificação e decodificação ou a relação significante e significado dos signos cartográficos e de toda a linguagem cartográfica; retas coordenadas como pontos de referencias;

orientações e localização; pontos de referência para a localização; limites e fronteiras.

Mclaughlin sugere que a criança na fase operacional concreta seja capaz de lidar somente com variáveis de um tipo de cada vez. Assim, os mapas para essas crianças e aquelas que ainda estão desenvolvendo as operações formais deveriam ter um número limitado de variáveis: limitação de nomes de cidades, ruas, produções e os seus respectivos signos. Simielli (1999) mostrou também a necessidade de se separar as informações dos mapas para facilitar a compreensão. Segundo ela, os alunos entendem melhor as informações quando por exemplo, o mapa de hidrografia é estudado separadamente do relevo, mesmo que posteriormente haja correlação das informações, numa leitura mais complexa, envolvendo interpretação a nível mais abrangente. A construção dos croquis obedece essa mesma sistematização dos mapas, pois os croquis são representações cartográficas, mas que não segue um padrão mais elaborado ou seja é um pré requisito para a elaboração de mapa conceitual.

Para se chegar a um nível de interpretação mais profundo é necessário que o aluno tenha passado por experiências para a construção das noções espaciais, partindo das relações elementares no espaço cotidiano.

3.2 - Representações gráficas

Desenhos, cartas mentais, croquis, maquetes, plantas e mapas podem ser englobados entre os textos gráficos, plásticos e cartográficos trabalhados no ensino e nas pesquisas da Geografia. Diferenciam-se dos demais textos alfabéticos pela dominância da figura, ou seja, de uma forma espacial. Linhas, formas, superfícies, distâncias, extensões, volume e suas várias dimensões representam os espaços vividos e as práticas sociais. Diferem entre elas pela predominância da polissemia da linguagem figurativa, em contraposição à linguagem monossêmica dos gráficos e mapas cartográficos.

Esses instrumentos dão ao aluno, meios para que possa apreender e registrar o espaço geográfico através de imagens. Segundo o PCN de Geografia (2001,p.129) , o uso da imagem permite que o aluno aplique de forma mais objetiva

as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão da linguagem cartográfica.

Esses são recursos que fazem parte da metodologia utilizada pelo professor em sala de aula, apesar de que ainda é pouca a adequação dos profissionais da educação as mudanças propostas no âmbito de geografia, atendendo apenas aos objetivos específicos. Pesquisas no ensino da geografia, nas últimas décadas, têm aprofundado, a parte teórica e metodológica, o papel dos tipos de representação espacial e suas linguagens na formação do professor e dos alunos da escola básica.

É através do desenho que o professor consegue identificar o desenvolvimento gráfico espacial de cada aluno, isso possibilita identificar as múltiplas facetas que o aluno apresenta seus medos e angustias. Ainda de acordo com o PCN de Geografia (2001, p. 129) o início do processo de construção da linguagem cartográfica ocorre por meio do trabalho com a produção e a leitura de mapas simples, em situações que sejam expressivas no processo de aprendizagem. É nesse tipo de atividade que o não dito se expressa nas formas, nas cores, na organização e na distribuição espacial.

3.3 - Ensino e representações do espaço geográfico os croquis

Partindo do pressuposto que a representação do espaço geográfico permite analisar a sua organização e configuração, no ensino de Geografia, o desenvolvimento de noções de representação é fundamental, pois possibilita ao aluno o entendimento de como as relações entre sociedade e natureza se refletem nesse espaço.

Nesse sentido, é imprescindível a participação ativa do aluno para possibilitar a construção de conceitos relacionados à representação do espaço em que vive e gradativamente chegar à totalidade.

Nas representações cartográficas, as informações necessitam ser transmitidas por meio da linguagem cartográfica. Esta utiliza três elementos básicos: sistema de signos, redução e projeção. Nesse sentido, para a elaboração e interpretação de mapas, faz-se necessário o domínio dessa linguagem. Interpretar mapas não é apenas encontrar a localização de uma cidade, estrada ou qualquer outro elemento geográfico.

No processo de construção de conceitos relacionados à representação do espaço, Almeida (2006, p.21), enfatiza a importância da participação do aluno como mapeador, antes de ser um simples leitor de representações do espaço. Para essa autora, “a ação para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica não está em pintar ou copiar contornos, mas em fazer o mapa”.

Assim, ao iniciar os processos de ensino e aprendizagem da geografia, o aluno começa a mapear seu espaço de vivência, passo a passo, mediado pelo professor.

Na cartografia o trabalho com croqui, desperta no aluno um grande interesse sobre as relações espaciais, com isso fica fácil chegar ao objeto de estudo proposto: noções espaciais, localização e organização. Mas o que ensinar através de croquis? Quando começar ensinar noções de espaço? Para que ensinar noções de espaço? São alguns dos questionamentos que fazemos quando começamos a ensinar noções de espaço.

O desenvolvimento da noção de espaço passa por varias etapas no conceito geral da criança na construção do conhecimento, desde o vivido, percebido ao concebido.

Espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e deslocamento. É apreendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas ao percorrê-lo, delimitá-lo, ou organizá-lo segundo seus interesses. Daí a importância de exercícios rítmicos e psicomotores para que ela explore com o próprio corpo as dimensões e relações espaciais.

No espaço percebido não precisa mais ser experimentado fisicamente. Assim, a criança do ensino fundamental é capaz de lembrar-se do percurso de sua casa à escola, o que não se dava antes, pois era necessário percorrê-lo para identificar as casas, logradouros e ruas.

O espaço concebido, a criança consegue estabelecer relações espaciais entre elementos por meio de representações.

A partir do momento que a criança reconhece o espaço geográfico como sendo um ambiente de convívio mutuo, ele começa a perceber a sua importância. O trabalho com croqui e mapas mostra as noções de espaço e de localização que a criança precisa ter em mente para conseguir entender e se localizar no espaço geográfico.

Segundo Straforini:

...a geografia é um meio de enriquecer o processo de alfabetização porque é no espaço geográfico que as crianças têm suas múltiplas possibilidades de realidade. É nele que a vida se faz. Assim, é no espaço geográfico que as crianças buscam e encontram os símbolos e os seus significados.(STRAFORINI 2004, p.120)

Nesse sentido o espaço de vivência da criança está inserido em um mundo dinâmico, marcado pelos grandes avanços científicos e tecnológicos que modificam a maneira como os seres humanos se organizam e interagem com a natureza, ou seja, é necessário conhecê-lo e entender o que nele acontece. A geografia pode auxiliar o educando nesse processo, além de desenvolver habilidades para atender a diversas necessidades do cotidiano, como chegar a um lugar que não se conhece, por exemplo.

Quanto às aptidões intelectuais desenvolvidas pela disciplina, a Geografia pode contribuir para o alcance dos objetivos educacionais, pois por sua própria natureza e por seus métodos de estudo, favorece a observação, descrição, análise, síntese e interpretação.

Nesse contexto, considera-se o ensino de Geografia como uma possibilidade da formação do cidadão que se posiciona de maneira crítica em sua realidade. É algo em processo, em constante movimento, pois a produção do espaço geográfico nunca está pronta e acabada.

Baseado em um modo bem mais simples do que os mapas onde as informações não são formais, mas carrega o compromisso com a veracidade das informações prestadas, segundo Ugayama (apud Dias, 2001,p. 36) os croquis correspondem a: “forma de expressar graficamente em tempo curto, de forma pessoal e espontânea.”

Já De Biaggi afirma que:

(...), o croqui em geografia aparece vinculado a um tipo de trabalho que se constrói paulatinamente enquanto discurso gráfico, como uma ocasião de ensaios ou mesmo síntese momentânea do estado de uma reflexão. Sempre fazendo referencia a um certo tema e sem a preocupação de exaustividade da informação, o croqui se revela como uma primeira tentativa de compreender uma realidade em construção de forma simples e arrojada” (De Biaggi 1996, p. 18).

Nesse contexto, por mais que a representação do espaço for representado por meio da produção do croquis o aluno tem que estar ciente de que devemos respeitar as regras propostas para essa prática.

4 - AS PROPOSTAS CURRICULARES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

As propostas curriculares envolvem um conceito complexo, o currículo. Esse conceito vem sendo discutido ao longo da história e motivando um significativo número de pesquisas a respeito das concepções de educação, como: o papel da escola; e seu caráter político. Sobre o currículo como instrumento de poder, Abud afirma que:

Os currículos e programas constituem o instrumento mais poderoso de intervenção do Estado no ensino, o que significa sua interferência, em última instância, na formação da clientela escolar para o exercício da cidadania, no sentido que interessa aos grupos dominantes. (ABUD 2004, p. 28).

É imprescindível que as propostas curriculares sejam analisadas considerando os órgãos que os produziram. Destaca-se também como importante, a participação e discussão de todas as pessoas que fazem a escola na elaboração dessa proposta, considerando a escola como um sistema de relação social no qual se desenvolvem atividades educacionais. Ainda segundo Abud:

Os textos oficiais são produzidos considerando-se uma escola ideal, como situação de trabalho e como local de recursos humanos.[...]. As dificuldades e obstáculos presentes no cotidiano das escolas estão ausentes dos textos. Abud (2004, p.29)

Assim, por melhores que sejam as intenções dos especialistas da organização e registro da proposta curricular, esta pode estar fadada a não atender as necessidades da prática pedagógica dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais, reduzindo-se assim a um monólogo.

Segundo Cacete, a formação dos professores não estão adequadas e isso serviu como argumento para o estabelecimento dos parâmetros curriculares.

Um dos argumentos para o documento introdutório dos PCNs, são os baixos níveis de formação docente. Temos que reconhecer que efetivamente os professores tiveram sua formação aligeirada, principalmente após a promulgação da Lei nº5.692/71, que instituiu as licenciaturas curtas para a formação de professores nas áreas de comunicação e expressões, estudos sociais e ciências. No estado de São Paulo 95% dos professores que atuam no ensino médio e fundamental da

rede pública são formados em faculdades privadas que possuem um currículo insuficiente para essa formação. (CACETE 1999, P. 39; 40)

Vários autores fazem análise dos PCNs em suas obras publicadas, entre eles está a autora Pontuschka que ao fazer a sua colocação sobre a formação do corpo docente afirma que:

(...) no entanto, o texto que ora se apresenta é para professores de todo o Brasil, com uma linguagem para professores de Primeiro Mundo. Sabemos que a maioria dos professores deste país, inclusive do estado de São Paulo, são egressos de universidades públicas. Com exceção das PUCs e de universidades como a UNIJUI-RS, tais escolas trabalham em seus cursos com bibliografias que são preocupantes no sentido da formação do professor de geografia e do educador que ele deve ser. Preocupantes também no sentido de não estimularem o ensino com pesquisa. É a esse público que os PCNs podem atingir. (PONTUSCHKA 1999, p. 16)

Seguindo uma linha de pensamento que diz que a formação do corpo docente não é adequada entendo que essa má formação é mais um obstáculo para a aplicação dessa e de quaisquer propostas. A lei que determinava as licenciaturas curtas teve um papel determinante na queda da qualidade de ensino dos educadores do ensino médio e fundamental.

O professor não é elemento participativo das propostas dos PCNs ele é tido como responsável pela implantação desse sistema. Esta é uma visão que Cacete discute em sua síntese sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais.

(...) Entendíamos que nesse processo, que excluía a participação dos professores, estava contida uma concepção de professor como mero executor de tarefas ou aplicador de normas, valores e diretrizes curriculares, elaboradas em outras esferas. (CACETE 1999, p. 36;37)

No mesmo artigo em que Cacete faz sua síntese sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais a autora faz uma ressalva sobre o descaso dos PCNs em relação as experiências já adquiridas pelos docentes em suas trajetórias de ensino.

(...) assinalamos que os PCNs desconsideraram as Propostas Curriculares dos Estados e as inúmeras experiências e discussões acumuladas pelos educadores em todo o país, desrespeitando, portanto, as diversidades culturais, regionais e de procedimentos metodológicos. (CACETE 1999, P. 35)

No que diz respeito a um ensino de qualidade é primordial que os professores não sejam vistos como indivíduos em formação, nem como executores,

mas como atores plenos de um sistema que eles devem contribuir para transformar, no qual devem explorar ao máximo as suas competências fazendo o que for preciso para que possam ser construídas novas competências a curto e longo prazo.

4.1 - Os núcleos conceituais e encaminhamentos metodológicos

Os núcleos conceituais representam o conjunto de conceitos interligados que o aluno já tráz de casa, que necessitam ser desenvolvidos, tendo em vista à análise do espaço geográfico por parte do aluno. Eles serão gradativamente construídos durante os processos de ensino e aprendizagem a serem desenvolvidos em cada série do Ensino Fundamental.

Assim, esses conceitos estão interligados e conforme vão sendo construídos ampliam o entendimento por parte do aluno do mundo em que vive e as relações que nele ocorrem.

Os encaminhamentos metodológicos que serão apresentados a seguir são os que devem ser considerados nos processo de ensino aprendizagem de Geografia no ensino fundamental.

O critério utilizado para tal sugestão refere-se a conceitos básicos que necessitam ser construídos para permitir ao aluno entender, de forma gradativa, as interações entre sociedade e natureza e representações espaciais geográficas. Segundo os PCNs, (1998, p. 26) a Geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente.

De acordo com os PCNs (1998, p. 28) os conteúdos relacionados no quadro abaixo são sugestões de eixos temáticos que podem ser estudados de forma abrangente, principalmente com os alunos do terceiro ciclo, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

Eixo	Tema	Assuntos que podem ser trabalhados
A geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo.	A construção do espaço: os territórios e os lugares(o tempo da sociedade e o tempo da natureza).	<p>O trabalho e a apropriação da natureza na construção do território.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As mudanças nas relações sociais do trabalho e a separação entre o campo e a cidade. • As diferentes técnicas e costumes e a diversidade de paisagens entre o campo e a cidade. • O ambiente natural e as diferentes formas de construção das moradias no mundo: do iglu às tendas dos desertos. • O ambiente natural e a diversidade das paisagens agrárias no mundo: da coleta nas florestas à irrigação nas áreas semiáridas e desérticas. <p>Os ritmos da natureza no processo de produção das condições materiais e da organização social de vida no campo e na cidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O ritmo de trabalho: aceleração e desaceleração na produção do campo e da cidade. <p>O lugar como a experiência vivida</p>

	A conquista do lugar como conquista da cidadania.	<p>dos homens com o território e paisagens.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O imaginário e as representações da vida cotidiana: o significado das coisas e dos lugares unindo e separando pessoas. • O lugar como espaço vivido mediato e imediato dos homens na interação com o mundo. • O mundo como uma pluralidade de lugares interagindo entre si. • A cidadania como a consciência de pertencer e interagir e sentir-se integrado com pessoas e lugares. • O drama do imigrante na ruptura com o lugar de origem tanto do campo como da cidade. • A segregação socioeconômica e cultural como fator de exclusão social e estímulo à criminalidade nas cidades.
O estudo da natureza e sua	Os fenômenos naturais, sua regularidade e possibilidade	<p>Planeta Terra: a nave em que viajamos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o relevo se forma: os diferentes tipos do relevo. • Litosfera e movimentos tectônicos: existem terremotos no Brasil? • As formas de relevo, os solos e sua ocupação: urbana e rural. • Erosão e desertificação: morte dos solos. • As águas e o clima.

importância para o homem.	de previsão pelo homem.	<ul style="list-style-type: none"> • Águas e terras no Brasil. • Circulação atmosférica e estações do ano. • Clima do Brasil: como os diferentes tipos de clima afetam as diferentes regiões. • O clima no cotidiano das pessoas. • As cidades e as alterações climáticas. • As florestas e sua interação com o clima. • Previsão do tempo e clima. • Como conhecer a vegetação brasileira: a megadiversidade do mundo tropical. • Florestas tropicais: como funcionam essas centrais energéticas. • Cerrados e interações com os solos e o relevo. • Estudando e compreendendo as caatingas. • Saindo do mundo tropical para entender o pampa. • Pinheiros do Brasil: as florestas de araucária.
---------------------------	-------------------------	--

	<p>A natureza e as questões socioambientais .</p>	<p>A floresta tropical vai acabar?</p> <ul style="list-style-type: none"> • As reservas extrativistas e o desenvolvimento sustentável. • O lixo nas cidades: do consumismo à poluição. • Poluição ambiental e modo de vida urbano. • Poluição ambiental e modo de produzir no campo. • Industrialização, degradação do ambiente e modo de vida. • Problemas ambientais que atingem todo o planeta (o efeito estufa, a destruição da camada de ozônio e a chuva ácida). • Plantar sem degradar: outras formas de produzir no campo. • Modo de vida urbano e qualidade de vida. • Áreas protegidas e espaços livres urbanos. • O turismo e a degradação do ambiente. • Conservação ambiental, cidadania e pluralidade cultural. • Conhecer a natureza e respeitar suas leis próprias: produzir sem degradar. • Pluralidade cultural e etnociência. • Urbanização e degradação
--	---	---

		ambiental.
O campo e a cidade como formações socioespaciais.	O espaço como acumulação de tempos desiguais.	<p>Os monumentos, os museus como referência histórica na leitura e compreensão das transformações do espaço.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A diversidade dos conjuntos arquitetônicos urbanos de monumentos históricos diferentes e os traçados das vias públicas como referências de compreensão de evolução das formas e estruturas urbanas. • As cidades históricas barrocas brasileiras: paisagens preservadas e importância para a indústria do turismo. • Antiquários e feiras de artesanato: o consumo do tempo como mercadorias. • As feiras livres como sobrevivência do passado na moderna urbanização. • As festas e as tradições do folclore brasileiro, como existências e permanências dos traços de nossas identidades regionais. • Os engenhos e as usinas de açúcar no Nordeste: sobrevivência e superação de um momento histórico.

		<ul style="list-style-type: none"> • O latifúndio e o trabalho tradicional como sobrevivências do passado nos tempos atuais. • O arado e o trator nas paisagens agrárias brasileiras. • A pequena propriedade de subsistência, as relações de parceria no campo e sua coexistência com a monocultura empresarial. <p>As relações de trabalho cooperativo e o extrativismo como forma de permanência e resistência às relações competitivas do trabalho assalariado.</p> <p>A entrada das multinacionais no campo e seu papel nas exportações brasileiras.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os problemas enfrentados atualmente pelos pequenos e médios produtores do campo. • O abastecimento das cidades e o papel do pequeno e médio produtor do campo. • A mecanização, a automação e a concentração de propriedade e o problema dos sem-terra. • Os sem-teto nas metrópoles e suas
	A modernização capitalista e a redefinição nas relações	

	<p>entre o campo e a cidade.</p>	<p>relações com processo de modernização capitalista.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As metrópoles como centro de gestão das inovações tecnológicas e gestão do capital e suas repercussões no campo. • Modernização e desemprego no campo e na cidade. • A importância da reforma agrária como solução para os grandes problemas sociais do campo e da cidade no Brasil.
	<p>O papel do Estado e das classes sociais e a sociedade urbana industrial brasileira.</p>	<p>A transição da hegemonia das oligarquias agrárias para a burguesia industrial-financeira na organização política do Estado brasileiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O deslocamento do pólo do poder econômico da região Nordeste para o Sudeste brasileiro. • O crescimento do proletariado no campo e na cidade e sua presença na organização política do Estado brasileiro. • O milagre brasileiro” e a posição do Brasil no conjunto das relações políticas internacionais. • As políticas neoliberais, o Estado brasileiro e as atuais perspectivas de desenvolvimento para a sociedade

		<p>brasileira.</p> <p>Os hábitos de consumo das pessoas do campo antes e após o surto de industrialização dos anos 50.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A influência das formas de viver na cidade e no campo e a expansão dos meios de comunicação e dos transportes. • A sociabilidade entre as pessoas e os grupos sociais no campo e na cidade. • A mídia, o imaginário social e os movimentos migratórios do campo para a cidade. • As relações de troca monetária do homem no campo e as possibilidades de sua inserção no mundo urbano.
A cartografia como instrumento na aproximação	Da alfabetização cartográfica à leitura crítica e mapeamento consciente.	<p>Os conceitos de escala e suas diferenciações e importância para as análises espaciais nos estudos de Geografia.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os pontos cardeais, utilidades práticas e referenciais nos mapas. • Orientação e medição cartográfica. • Coordenadas geográficas. • Uso de cartas para orientar trajetos

<p>dos lugares e do mundo.</p>		<p>no cotidiano.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Localização e representação em mapas, maquetes e croquis. • Localização e representação das posições na sala de aula, em casa, no bairro e na cidade. • Leitura, criação e organização de legendas. • Análise de mapas temáticos das cidades, dos estados e do Brasil. • Estudo com base em plantas e cartas temáticas simples. • A utilização de diferentes tipos de mapas: mapas de itinerário, turísticos, climáticos, relevo, vegetação etc. • Confeção pelos alunos de croquis cartográficos elementares para analisar informações e estabelecer correlação entre fatos. <p>Os pontos cardeais e sua importância como sistema de referência nos estudos da paisagem, lugares e territórios.</p>
--------------------------------	--	---

	<p>Os mapas como possibilidades de compreensão e estudos comparativos das diferentes paisagens e lugares.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A cartografia e os sistemas de orientação espacial. • Cartas de relevo de diferentes paisagens e medidas cartográficas (altitude e distância). • Análises de cartas temáticas (densidade populacional, relevo, vegetação etc.). • Estudo das cartas das formas de relevo e de utilização do solo. • Estudo das cartas de tipos de clima, massas de ar, formações vegetais, distribuição populacional, centros industriais, urbanos e outros. • Mapear e desenhar croqui correlacionando cartas simples. • Leitura de cartas sintéticas. • Leitura e mapeamento de cartas regionais com os símbolos precisos. • Elaboração de croquis com legendas fornecidas pelo professor. • Análise de cartas temáticas que apresentam vários fenômenos. • Identificar, compilar e produzir mapas intermediários dos elementos fundamentais a partir de uma carta complexa.
--	---	--

Para tais eixos relacionados a representação do espaço geográfico, o trabalho com croqui é de suma importância para o desenvolvimento do aluno nas representações cartográficas, pois o mesmo parte de uma realidade vivida e percebida pelo mesmo.

4.2 - As considerações de Piaget e Vigotsky sobre a aprendizagem

Assim, o ensino da Geografia não visa à memorização de conceitos e sim a sua construção. Os avanços das teorias a respeito da aprendizagem tem estimulado a busca de novos encaminhamentos para o trabalho com os conceitos geográficos. Nesse contexto, destaca-se a influencia da proposta de trabalho conhecida como construtivismo, proposta essa baseada sobre tudo nas ideias de Piaget e Vigotsky.

São denominadas construtivistas as teorias do desenvolvimento que pensam o ser como a importância entre o que este ser traz ao nascer e as influências externas pertencentes ao meio ambiente.

Tem-se aí, notadamente, a epistemologia genética de Jean Piaget e a teoria sócio-histórica de Vgotsky.

Tendo como formação a Biologia, Piaget dedicou boa parte de sua vida, a questão investigativa de como os seres humanos adquire e desenvolve a capacidade de conhecer. Em busca dessas respostas, aprofundou-se nas áreas da Psicologia e da Epistemologia, não tendo como foco principal a educação. No entanto, suas pesquisas trouxeram significativas contribuições para a teoria e a prática educativa.

Seguindo os postulados da Teoria Evolucionista, de Charles Darwin (1809-1882), da seleção natural das espécies, Piaget toma emprestado deste cientista termos e conceitos, notadamente as questões da adaptação que Darwin constitui o determinante para a sobrevivência das espécies.

Para Piaget, é na medida em que o organismo da criança vem se desenvolvendo que ela adquire capacidade para conhecer. No entanto, o conhecimento, em seu processo de construção, passa a constituir também um elemento deste desenvolvimento. Tem-se, aí, uma constante interação entre o organismo e o meio. Desta forma, Piaget denomina-se também interacionista. Ou seja, para ele, o ser humano não traz ideias ao nascer, nem tampouco as adquire do

meio, mas sim constrói suas ideias na interação do seu potencial orgânico com o meio, por meio das suas ações, num constante processo de adaptação.

Seguindo essa mesma linha de pesquisa o autor enfatiza que o desenvolvimento cognitivo ocorre sempre na relação entre sujeito e objeto. Ele analisa o desenvolvimento cognitivo, dividindo-o em períodos de acordo com o aparecimento de novas capacidades de pensamento. Os períodos são: Sensório motor (0-2 anos), pré-operatório (2-7anos), apelatório concreto (7-12 anos) e operações formais (12 anos em diante). (Piaget- Pedagogia da Autonomia)

Vygotsky, assim como Piaget, é um interacionista, ou seja, considera que a construção do sujeito se dá na interação entre o natural e o social. No entanto, à medida que Piaget prioriza o sujeito, Vygotsky prioriza a interação e dá maior ênfase ao fator social nas questões do desenvolvimento e da aprendizagem.

A aprendizagem só pode ocorrer em função do social, no qual a criança está inserida, a partir da família, primeiro intermediário entre a cultura e a criança. O conhecimento pertinente a essa cultura é mediado pelo adulto ou pelas crianças maiores, por intermédio da linguagem.

Para Vigotski, o desenvolvimento humano, a aprendizagem e o ensino estão inter-relacionados. Ele destaca o papel das relações sociais nesse processo. Assim, o professor é visto como um mediador que propõe situações de aprendizagem para despertar no educando o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. (Piaget e Vigotsk -Novas Contribuições).

Isso significa organizar o trabalho com os processos de ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando a ação dos alunos sobre objetos e fenômenos geográficos que compõe sua realidade.

Nesse sentido, o rio, a serra, a floresta remanescente, a fábrica, a rua, o movimento de trabalhadores, a fundação do município, mudanças e permanências que fazem parte de seu espaço vivido são diretamente percebidos pelo aluno. Isso possibilita a formação de representações e conceitos.

Dentro das novas abordagens do ensino de Geografia, o professor deve buscar práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno em diferentes momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar

e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação sociedade e natureza. Essas práticas envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que se encontram em interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse levantamento de dados sobre o trabalho com croquis como forma metodológica, percebi que essa é uma proposta viável, pois propõe problemas práticos e de interesse próprio dos alunos, e com isso eles serão capazes de se estimularem, pois serão capazes de produzir o próprio conhecimento e de solucioná-los.

O estudo da cartografia é importante para o ensino da geografia, pois a ela se dá de diversas formas, desde a localização dos fenômenos até a reelaboração dos conhecimentos geográficos. A cartografia é um meio de comunicação que facilita a obtenção e a análise das informações sobre os fenômenos como a organização espacial.

No processo de produção cartográfica, acredito que a cartografia apresenta sua face mais admirável, pois através da elaboração das representações gráficas, interagimos com os dados, possibilitando a compreensão dos fenômenos e as descobertas de outras correlações entre os mesmos, produzindo assim novos conhecimentos.

Conclui que o trabalho com croquis em suas diversas vertentes e o trabalho com mapas e outros afins, na sala de aula é perfeitamente adequado com as abordagens metodológicas da pesquisa, entre outros motivos, porque ambas requerem a participação ativa do aluno e possibilitam a elaboração e apreensão de novos conhecimentos, sendo ele mesmo o autor do seu próprio aprendizado.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. **Currículos de História e políticas públicas:** os programas de História do Brasil na escola secundário. In: BITTENCOURT, Circe(Org.). Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros curriculares nacionais: Geografia. 2.ed.Rio de Janeiro,RJ, 2000.

ALMEIDA, Rosângela Doin; PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico:** ensino e representação.15.ed.São Paulo: Contexto,2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação,2001.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia?** 14.Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume,2004.

NOME DO AUTOR DA REPORTAGEM. **Revista Nova Escola.** n. 237. São Paulo: Abril, novembro 2010.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança.** 7.ed. São Paulo: Martins Fontes,1999.

_____. **A psicologia da criança.** 18.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

_____. **Formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Para ensinar e Aprender Geografia. 1ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

VIGOTSKI, Levy. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Pensamento e linguagem.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Psicologia pedagógica.** Edição comentada. Porto alegre: Artmed,2003.

LACOSTE, Yves. **A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a Guerra.**
Campinas, Papirus, 1988.

ANEXO

Questionário aplicado aos professores do ensino fundamental

01-Como que é trabalhada a questão espacial na sala de aula? Quais são os recursos utilizados?-----

02-Qual é o tempo estimado para o estudo desse tema?-----

03- Os alunos apresentam algum tipo de dificuldade no primeiro momento de estudo? Por quê?-----

04- O estudo é feito a partir do local para o global ou vice-versa?-----

05-A realidade do aluno é levada em consideração? Por quê?-----

06-Como é feito o trabalho com o croqui de localização?-----

07-Qual é a importância desse estudo para o aprendizado do aluno?-----

08-Em que situações ele pode utilizar desse conhecimento em seu dia a dia?-----